

“Haja paz sobre Israel”: religiosidade evangélica e sionismo

IVAN MARTINS

ANTÔNIA ROZIMAR MACHADO E ROCHA

RESUMO: Neste artigo, abordamos a ideologia religiosa evangélica de defesa do Estado de Israel, com foco no sionismo evangélico brasileiro e sua influência na política. Para esta reflexão, utilizamos as pesquisas de opinião pública que foram realizadas e divulgadas no Brasil, entre outubro e novembro de 2023, imediatamente após mais um capítulo da guerra entre o Estado de Israel e os palestinos da Faixa de Gaza.

PALAVRAS-CHAVE: Sionismo evangélico brasileiro. Ideologia evangélica. Estado de Israel. Faixa de Gaza.



“Let there be peace upon Israel”: evangelical religiosity and Zionism

ABSTRACT: In this article, we address the evangelical religious ideology defending the State of Israel, focusing on Brazilian evangelical Zionism and its influence on politics. For this reflection, we used public opinion polls that were carried out and published in Brazil, between October and November 2023, immediately after another chapter of the war between the State of Israel and the Palestinians of the Gaza Strip.

KEYWORDS: Brazilian evangelical Zionism. Evangelical ideology. State of Israel. Gaza Strip.

IVAN MARTINS

Ivan Martins. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
E-mail: ivan8martins@gmail.com

ANTÔNIA ROZIMAR MACHADO E ROCHA

Antônia Rozimar Machado e Rocha. Doutora em Educação Brasileira pela UFC. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFC.
Email: profarosemachado@gmail.com

DATA DE ENVIO: 19/02/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 15/03/2024

Entre os mais perturbadores fenômenos políticos de nossos tempos está a emergência do 'Partido da Liberdade' (Tnuat HaHerut) no recentemente criado Estado de Israel. Um partido político muito próximo em organização, métodos, filosofia política e apelo social aos partidos Nazistas e Fascistas. Ele foi formado a partir dos membros e seguidores do extinto Irgun Zvai Leumi, uma organização terrorista, conservadora e chauvinista na Palestina.
Einstein et al.

No presente ensaio pretendemos considerar, brevemente, a ideologia religiosa evangélica de defesa do Estado de Israel. Nosso objetivo está no sionismo evangélico brasileiro e sua influência na política. Para tanto, tomaremos, como ponto de partida, as pesquisas de opinião pública que foram realizadas e divulgadas no Brasil, entre outubro e novembro de 2023, imediatamente após mais um capítulo da guerra entre o Estado de Israel e os palestinos da Faixa de Gaza. Analisaremos os principais pressupostos da ideologia religiosa sionista evangélica brasileira. Teremos condições de lançar algumas conclusões nas considerações finais. Partimos do pressuposto de que o(a) leitor(a) tenha alguma afinidade com os conceitos apresentados ao longo do texto.

Desde outubro de 2023 o Estado brasileiro – e, conseqüentemente, o governo brasileiro –, tem sido pressionado por determinados segmentos da sociedade a expressar, de forma clara e indiscutível, apoio irrestrito ao Estado de Israel e, de igual forma, a condenar as ações do Hamas. Inicialmente, isto pode ser constatado pelas pesquisas de opinião pública que foram amplamente divulgadas – e aqui as tomamos apenas naquilo que contribui para nossa reflexão. Relacionamos três pesquisas. A pesquisa da Genial/Quaest (2023)¹ foi a primeira a colher as impressões de brasileiros e brasileiras acerca do conflito entre Hamas e Israel. 85% das pessoas avaliaram positivamente o fato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) conversar com países do Oriente

1 Pesquisa quantitativa, coletada entre os dias 19 e 22 de outubro de 2023, de 2 mil entrevistas e margem de erro estimada de 2.2 pontos percentuais, com nível de confiança de 95%.

Médio para o retorno dos brasileiros. O mesmo percentual apreciou a disponibilidade de avião para resgatar brasileiros. E para 72% foi positiva a posição de priorizar o resgate dos brasileiros. Já a postura do presidente Lula da Silva diante do conflito foi avaliada nos seguintes números: para 35% foi positiva, para 31% foi regular, para 23% foi negativa e 11% não souberam responder. Quando a pergunta foi se o Brasil estava certo em não classificar o grupo Hamas como terrorista, 26% responderam que sim, 57% que não e 17% não souberam responder. Em um primeiro momento, portanto, as pessoas separaram as ações de governo – todas avaliadas positivamente, ou seja, tidas como acertadas – da posição pessoal do presidente Lula da Silva – ainda que o governo e suas instituições, como o Ministério das Relações Exteriores, tenham uma orientação clara do Presidente da República.

À Realtime Bigdata². 86% das pessoas disseram acompanhar os noticiários a respeito da guerra entre Israel e o Hamas. 66% afirmaram que Israel estava correto no conflito, enquanto 18% apontaram o Hamas e 16% disseram nenhum dos dois. Quanto à questão de classificação do Hamas, para 73% o Brasil deveria classificá-lo como grupo terrorista, já 15% disseram que não e 12% não sabiam ou não responderam.³ Quando perguntados sobre a fala do presidente Lula da Silva dizendo que Israel estaria cometendo atos terroristas na Faixa de Gaza, 77% discordaram e 23% estavam de acordo. A esta altura, a posição era bastante contrária ao Hamas e muito favorável a Israel. Não podemos chamar de “resposta de Israel” porque o Estado de Israel manteve, sempre, a iniciativa de conflito como parte da estratégia de colonização e domínio da Faixa de Gaza e da Palestina.

2 Foram realizadas 2 mil entrevistas, entre os dias 16 e 17 de novembro de 2023. A margem de erro é de 3PP +/- e o nível de confiança é de 95%.

3 A pergunta foi: “Muitos países do mundo classificaram o Hamas como um grupo terrorista. Casos de Reino Unido, Estados Unidos, Japão e União Europeia. Na sua avaliação, o Brasil deveria classificar o Hamas como grupo terrorista?” (REALTIME, 2023). Em nossa compreensão, esta pergunta induz a erro ao apresentar a posição de alguns países e omitir, por exemplo, a visão da Organização das Nações Unidas.

De acordo com a AtlasIntel (2023)⁴, ao abordar o conflito entre Israel e o Hamas, para 43.4% o governo brasileiro adotou uma postura mais favorável ao Hamas do que deveria – entre evangélicos este percentual foi de 47.3%. Para 36.6% o governo adotou a postura correta, já para 11.3% teve uma postura mais favorável a Israel do que deveria e 9.1% não souberam responder. 58% dos brasileiros consideravam que o Hamas tinha maior culpa no conflito – entre evangélicos este número saltava a 71.1% –, enquanto para 19.5%, Israel e Hamas tinham o mesmo nível de culpa, para 12.5% Israel tinha maior culpa e 10% não soube responder. 58% dos brasileiros achavam que o governo brasileiro estava menos próximo de Israel do que deveria. No entanto, para 45.7%, os ataques de Israel contra o Hamas na Faixa de Gaza não foram justificados – para 33.3% dos evangélicos, os ataques foram completamente justificados. A pesquisa apresenta uma discrepância de compreensão quando a questão é se os bombardeios de Israel na Faixa de Gaza constituem terrorismo de Estado e crimes de guerra: 42.7% da população disse que sim, constituem terrorismo de Estado e crimes de guerra. Já entre evangélicos essa percepção era de apenas 27.6%. Se 36.7% disseram que não constituem terrorismo de Estado e crimes de guerra, para evangélicos a taxa foi 49.1%. E os que não souberam responder, 20.7% contra 23.2%, respectivamente. O cenário apresentado nesta pesquisa também é muito contrário ao Hamas. Porém, não necessariamente favorável a Israel. A questão principal – para nossas análises – é a distância entre a avaliação dos evangélicos⁵ e o restante da sociedade acerca do conflito entre Israel e o Hamas. Os evangélicos expressam maior simpatia a Israel mesmo quando se utiliza de força desproporcional e desmedida, como é o caso do poder do Estado dirigido

4 Amostra de 5.211 respondentes. A metodologia de coleta foi por recrutamento digital aleatório (Atlas RDR). A margem de erro foi de $\pm 1p.p$ e o nível de confiança para a estimação da margem de erro 95%. O período de coleta foi entre 17 e 20 de novembro de 2023.

5 Obviamente, os evangélicos fazem parte do conjunto da sociedade, no entanto, tornaram-se, por sua força econômica, midiática, política e social, um segmento a ser estudado. Tomamos “evangélicos” em sentido genérico, mantendo a consciência de que existem muitas divergências ideológicas entre eles (MENDONÇA; FILHO, 1990; MENDONÇA, 2008; CUNHA, 2007; SPYER, 2020).

a alvos civis como hospitais e escolas; e forte oposição aos métodos de resistência do Hamas.

As pesquisas revelaram a percepção ou compreensão do momento. Neste sentido, os noticiários realizam um importante papel na divulgação das notícias, na interpretação dos fatos e na produção do consenso social (BOURDIEU, 1997; CHOMSKY, 2013). Não se trata apenas de uma orientação editorial técnica e, sim, de uma orientação editorial ideológica. Friedrich Engels e Karl Marx (2007) perceberam que as ideias dominantes são as ideias das classes dominantes. E, por conseguinte, estas classes “[...] dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo [...]” (MARX; ENGELS, 2007, p. 47). As classes dominantes criam as condições para produção e reprodução de suas ideias, cuja força material e espiritual depende, justamente, das classes dominantes, em uma relação dialética entre a produção material e as formas de consciência.

Em geral, os noticiários qualificaram a guerra na Faixa de Gaza em termos de “conflito”. A rigor, não está de todo errado. Entretanto, consideramos que seja uma palavra insatisfatória para caracterizar, adequadamente, a guerra de colonização e o genocídio perpetrado pelo Estado de Israel – como o demonstram vítimas civis, crianças⁶, funcionários de organizações e instituições internacionais e os imigrantes em direção ao Egito, Jordânia, Líbano e Síria – como estratégias de desocupação-ocupação. Também, devemos desconfiar da apresentação da guerra através de confrontos pontuais escondendo seus antecedentes históricos e os acordos internacionais de partilha da terra, especialmente, se se transmite a ideia de que antes da reação do Hamas havia paz.

Como percebemos a partir dos dados das pesquisas, outra questão delicada foi a caracterização do Hamas como “grupo terrorista”. O presidente Lula da Silva afirmou, em diversas ocasiões, que o Brasil segue a visão da Organização das Nações Unidas (ONU)

6 Nas palavras de James Elder: “Gaza tornou-se um cemitério para milhares de crianças e adolescentes. E é um inferno em vida para todos os outros” (UNICEF, 2023).

quanto a esta questão (JORDÃO, 2023). O Conselho de Segurança da ONU não reconhece o Hamas como organização terrorista. Neste aspecto, devemos nos perguntar se ações violentas contra a violência de Estado são equivalentes. A violência do Estado, normalmente, está vinculada aos interesses de classes dominantes e ao desenvolvimento e aprofundamento do capitalismo (ENGELS, 1974; MARX, 2017).

Possivelmente, dois componentes devam ser considerados: a presença social e midiática de cristãos evangélicos, e a influência de judeus sionistas em diversos setores da sociedade brasileira. Que fique claro que nem todo cristão evangélico e nem todo judeu estão de acordo com as políticas do Estado de Israel. Sim, assim como há judeus não sionistas, existem evangélicos não sionistas. As críticas de diversos segmentos sociais sionistas, veiculadas na imprensa comercial, foram dirigidas, especialmente, ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao Partido dos Trabalhadores (PT) e às esquerdas em geral, por pretensão de apoio ao Hamas e aos palestinos da Faixa de Gaza em detrimento ao Estado de Israel. Como as pesquisas demonstram: uma parcela da sociedade – formada por evangélicos – tanto condenava o Hamas quanto justificava Israel. No entanto, como os dados indicam: não há, por parte da sociedade brasileira, uma aliança cega ou uma visão acrítica às ações do Estado de Israel, a despeito da orientação ideológica midiática. O que pode indicar, ao mesmo tempo, tanto a consciência de necessidade de maior aprofundamento a respeito dessa guerra quanto que parte da população se informa por outros meios, sejam a literatura especializada ou os canais alternativos.

Façamos, agora, o seguinte exercício de imaginação. Entramos no templo evangélico para participar da celebração cômica. Nele, constatamos várias referências ao judaísmo e ao Estado de Israel: a Arca da Aliança, a Bandeira do Estado de Israel, a Estrela de Davi, o *Menorá* e o *Shofar*. Todos estão em destaque no Altar em que, durante o culto, símbolo, magia e superstição se misturam. Ritos, símbolos e festas judaicas foram introduzidas nas igrejas evangélicas nas últimas décadas, menos como resultado do diálogo interreligioso e mais como atitude judaizante, em que o Antigo Testamento oferece, através de leitura alegórica, melhores

possibilidades ao Dispensacionalismo e à Teologia da Prosperidade do que o Novo. Inicia-se o culto e o ministro lê as seguintes palavras dos Salmos:

Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do Senhor. Pararam os nossos pés junto às tuas portas, ó Jerusalém! Jerusalém, que estás construída como cidade compacta, para onde sobem as tribos, as tribos do Senhor, como convém a Israel, para renderem graças ao nome do Senhor. Lá estão os tronos de justiça, os tronos da casa de Davi. Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam. Réine paz dentro de teus muros e prosperidade nos teus palácios. Por amor dos meus irmãos e amigos, eu peço: haja paz em ti! Por amor da Casa do Senhor, nosso Deus, buscarei o teu bem. (BÍBLIA, 1993, p. 539).

Ao concluir a leitura, ele se volta à congregação afirmando: “Israel é o povo de Deus! Que haja paz sobre Israel!”. Estas palavras, previamente escolhidas, dariam o tom de todo o culto, com cânticos, orações e palavras de ordem exaltando Israel e exortando os presentes a fazerem o mesmo. Símbolos do Estado de Israel, especialmente, a Bandeira, têm sido encontrados em igrejas evangélicas, sejam de tradição protestante histórica, do protestantismo de missão ou igrejas pentecostais e neopentecostais, em escritórios e gabinetes de autoridades políticas e religiosas e em manifestações de rua. É uma mudança significativa tanto diante da própria tradição cristã mais antiga quanto da compreensão popular medieval. Os chamados Padres Apologistas (1995) nos legaram dezenas de textos contra o judaísmo.⁷ Em verdade, as tensões entre judeus e judeu-cristãos remontam ao primeiro século, especialmente, com a queda de Jerusalém, tendo levado à ruptura retórica, organizacional e violenta nos séculos seguintes. Pelo fim da Idade Média os judeus eram vistos como agentes

7 Poderíamos nos referir a textos neotestamentários que apresentam certa ruptura com o judaísmo institucional de Jerusalém, como Carta de São Paulo aos Gálatas e Carta aos Hebreus, ainda que que mantenham, em outras bases, a teologia do sacrifício. Também é possível examinar a Carta de Inácio ao Magnésios 8,1-11,1; e a Carta de Inácio ao Filadelfienses 5,1-6,1. Em relação aos Padres Apologistas conferir: Carta de Diogneto 3,1-4,6; Apologia 14,1-15,9;

do satanás (DELUMEAU, 2009). Essa compreensão predominantemente religiosa, tanto de católicos romanos quanto de protestantes europeus, seria um dos elementos a conceber o antissemitismo moderno.

De acordo com Wilhelm Wachholz e André Reinke, o nacionalismo sionista foi uma necessidade judaica frente ao antissemitismo. Para estes autores: “[...] O problema do antissemitismo somente encontrou solução no sionismo [...]” (WACHHOLZ; REINKE, 2020). De fato, a proposta de uma terra para Israel e, logicamente, o surgimento do Estado de Israel, encontrou amplo apoio internacional diante do que os judeus sofreram na II Guerra. No entanto, não consideramos que o sionismo solucionou o problema antissemita – que, como dissemos, permeou a Idade Média e que se manifestou na solução final hitleriana. Tanto não solucionou que o antissemitismo permanece como uma característica de grupos de extrema-direita e neonazistas. Não podemos confundir sionismo com a partilha da terra – uma terra para que dois povos (sobre) vivam. Contraditoriamente, a forma como o Estado de Israel tem conduzido a guerra acaba fornecendo um argumento a mais para propaganda antissemita que, convenhamos, dificilmente mudaria de posição fosse qual fosse a ação israelense.

Os símbolos do Estado de Israel – presentes em espaços públicos e privados – são parte de uma ideologia religiosa que se originou na Europa, se aprofundou nos Estados Unidos e foi exportada aos países que receberam missões evangélicas norte-americanas, como o Brasil (WACHHOLZ; REINKE, 2020; MACHADO; MARIZ; CARRANZA, 2022). Assim, fazem parte de uma identidade política e religiosa, naquilo que se configura como fundamentalismo religioso cristão evangélico (MARTINS, 2022). O fundamentalismo religioso evangélico é uma maneira de interpretar a realidade e uma forma de atuar de acordo com esta interpretação. Nesta concepção, “[...] política e religião estão imbricados [...] um projeto político-religioso fundado numa interpretação específica da Bíblia e em uma visão da/para sociedade [...]” (MARTINS, 2022, p. 62). O fundamentalismo evangélico, a partir de uma compreensão religiosa da vida, propõe um modelo de sociedade e, nela, alguns

Estados têm proeminência nas relações internacionais.⁸ É uma visão de mundo completamente delimitada em termos religiosos (MARTINS, 2022). Esclarecemos que nem todo cristão evangélico é fundamentalista.

É possível constatar que as igrejas evangélicas realizam uma consistente e contínua formação ideológica. A cada celebração, a cada escola dominical, a cada estudo bíblico, a cada cântico, congresso, conferência, seminário etc., pastores e pastoras passam a dirigir, ideologicamente, seus rebanhos. A imagem pastoril é reveladora, especialmente, quando se confunde pessoas com ovinos. Como dissemos: uma formação consistente e contínua dentro da proposta religiosa de orientar uma perspectiva acerca do ser humano e das sociedades. Quando determinado pastor se ampara em uma leitura fundamentalista da Bíblia para afirmar que “Israel é o povo de Deus”, ele o faz ideologicamente. Utiliza o discurso religioso com implicações políticas concretas. Não há exegese ou mediações. Basta aplicar a ideia de que o atual Estado de Israel é o mesmo “Israel dos tempos bíblicos” para convencer a audiência. Vejamos o seguinte depoimento:

De fato, através da Bíblia, que não escolhemos para nós, Israel irrompeu em nosso imaginário e lá se enraizou. Como aconteceu com todos os elementos culturais que recebemos com a colonização, abrimos espaço para Israel no nosso imaginário, em particular no dos cristãos. Todos os que se deram ao trabalho de observar nossas sociedades e de estudar nossas culturas podem testemunhar que essa hospitalidade jamais foi simulada (MBEMBE, 2020).

8 Ao votar favoravelmente pelo *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT), o deputado federal Ronaldo Fonseca (PROS-DF) se justificou com as seguintes palavras: “Pela paz em Jerusalém, eu voto sim”. Posteriormente, ao ser convidado a explicar o seu voto, disse: “[...] O governo do PT virou as costas para Israel [...] Israel sempre foi aliado do Brasil [...] O Brasil tem uma cultura judaico-cristã [...] O Brasil sempre foi um instrumento de paz. O governo do PT quebrou isso, priorizando Cuba e Venezuela [...] Os Estados Unidos têm uma aliança muito forte com Israel. Brasil precisa mudar a política externa. Acredito que um novo governo, com o impeachment da presidente, vá contribuir para que haja paz em Jerusalém e paz no Brasil” (BARRUCHO, 2016).

No processo de formação ideológica, o antigo Israel “dos tempos bíblicos” ocupa um lugar privilegiado na catequese cristã, sobretudo, porque “[...] a salvação vem dos judeus [...]” (BIBLIA, 1993, p. 1024). Respeitadas as particularidades, a experiência de Joseph-Achille Mbembe se aproxima da nossa. A primeira catequese brasileira aconteceu em um contexto violento de colonização (SCHWARCZ; STARLING, 2018). E, neste momento em que a religião foi um instrumento dos colonizadores, um povo foi apontado como “eleito de Deus para salvação de todos os povos”. Tanto indígenas quanto escravos africanos deveriam reverenciar Israel e a religião cristã, abandonando suas crenças, culturas e tradições. Em linhas gerais, esta perspectiva é comum a cristãos católicos e cristãos protestantes e evangélicos. Por isso, as missões protestantes seguiram pelo mesmo caminho – só que sem o uso da força – no relevo a Israel na exposição do Antigo Testamento. Entretanto, “[...] a concepção evangélica comum acerca de Israel é mais do que olhar para traz [...] é uma orientação em perspectiva escatológica, desde a criação do Estado de Israel, em 1948” (MARTINS, 2022, p. 126). Ao fazer referência a Israel, os cristãos evangélicos não estão apenas se referindo ao passado e, sim, projetando o futuro de acordo com uma compreensão circunscrita à religião, acerca do apocalipse, do milênio, da Nova Jerusalém (LINDSEY; CARLSON, 1981; GOETZ, 1983).

Dizer que se trata de uma compreensão circunscrita à religião não diz tudo. Não se trata da visão mais geral do cristianismo acerca de Israel. É uma perspectiva que procura retomar uma suposta centralidade de Israel nos desígnios da divindade. Para a maior parte dos evangélicos, “Israel é o relógio de Deus”. De acordo com Ivan Martins “[...] Esta expressão, tão simples e tão marcante, ganha relevo na crença apocalíptica dos cristãos. Deus tem um relógio, e este, é Israel [...]” (MARTINS, 2022, p. 127). Então, como povo eleito, Israel teria tido um papel no passado, tem um papel no presente e terá um papel no futuro. No presente, Israel seria o sinal dos acontecimentos referentes ao fim ou, mais propriamente, do início do fim (ALMEIDA, 1982). É o que se chama

Dispensacionalismo⁹. Os cristãos evangélicos dispensacionalistas são sionistas: “[...] existe um forte consenso na literatura de que todo dispensacionalista tende a ser sionista [...]” (MACHADO; MARIZ; CARRANZA, 2022, p. 228). Em verdade, eles acreditam que o contemporâneo Estado de Israel é a continuidade do antigo Israel. A religião opera na frequência da crença. E, a partir dessa crença, os religiosos confeccionam as lentes de leitura da realidade e da ação. Só que, como sabemos, a própria crença está em relação dialética com a realidade material (ENGELS, 1975).

Um dos mais destacados dispensacionalistas foi o teólogo suíço Wim Malgo (1922-1992). Fundador da Chamada da Meia Noite (*Midnight Call*), largamente divulgado no Brasil, escreveu o seguinte a respeito de Israel:

1. A Escritura diz que Israel é propriedade peculiar de Deus. [...] 2. Somos fortemente atraídos a Israel, porque este povo é cada vez mais odiado por todos os povos. [...] 3. A terceira resposta é conhecida. O salmista profetizou que os gentios, as nações, se antecederão em louvor a Deus por aquilo que ele fez e faz para Israel, e que depois também Israel vai participar do louvor. [...] 4. O quarto ponto tem três aspectos: primeiramente somos convidados a abençoar Israel [...] a desejar boa sorte a Israel [...] somos convidados a nos alegrarmos com Israel [...] 5. Aqui chegamos a uma causa ainda mais profunda porque somos atraídos a Israel como por um ímã. Pela fé em Jesus Cristo, como pessoas renascidas, recebemos a cidadania de Israel! [...] 6. Sabemos que nosso Senhor, a quem dia após dia esperamos para o arrebatamento, é o mesmo que o Messias de Israel [...] 7. Um sétimo motivo pelo qual somos de tal modo atraídos a Israel, é o fato que Jesus Cristo não é somente o Messias de Israel, que vai voltar em Israel e cujos pés estarão sobre o Monte das Oliveiras, mas também porque Jesus Cristo, como homem, não mudou sua nacionalidade [...]. (MALGO, [s.d.], p. 152-154).

9 Surgido no século XIX, esse movimento propunha uma interpretação literal das Escrituras e, conseqüentemente, uma separação radical entre Israel e a Igreja: as promessas feitas a Israel devem se cumprir nos judeus; e todas as promessas à Igreja devem se cumprir entre cristãos. Seus principais autores foram John Nelson Darby (1800-1882), Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921) e Lewis Sperry Chafer (1871-1952). Com alguma modificação, tem se atualizado e goza de grande aceitação no Brasil.

Malgo se propõe a explicar aquilo que ele chama de “atração” da Igreja por Israel. Ele não pode simplesmente assumir que a Igreja é “o novo povo de Deus” ou “o Israel de Deus”, como proclamava a tradição cristã antes do Dispensacionalismo; por isso, precisa, de alguma forma, fundamentar suas posições. Mais ainda: da justificativa desta interpretação – do lugar central de Israel – depende toda sua teologia. Em quaisquer passagens bíblicas em que se lê “Israel”, compreende-se o moderno Estado de Israel. Como já afirmamos, é uma leitura bíblica sem exegese e sem mediações históricas. De acordo com Ivan Martins: “[...] Israel não era uma unidade geográfica, nem política e nem ideológica [...]” (MARTINS, 2020, p. 129). Esta informação é importante porque retira o idealismo em torno do antigo Israel. E, com isso, nos permite afirmar que o contemporâneo Estado de Israel não é a continuidade do antigo, nem geográfica, nem política e nem ideologicamente. A ideologia sionista tem um cânon, isto é, alguns postulados de fé.

1. The contemporary State of Israel is an extension of biblical Israel.
2. The promises of God in the Old Testament concerning the land – Palestine – are now being fulfilled in the State of Israel.
3. God interfered in the 1948 war and the 1967 war in favor of the State of Israel in miraculous ways.
4. The nation that provides support to Israel will be blessed by God, and punishment will fall on the states and nations that oppose Israel.
5. The Christian Zionist support for the State of Israel must not be conditioned on the Jewish people’s faith in Christ or by the moral conduct of the Israeli people or by the way they treat Palestinians.
6. Many Jews will believe in Christ at the time of the second coming of Christ, but many of them will be killed during the Great Tribulation.
7. Palestinians, Arabs and Muslims are fundamental obstacles to the way of the fulfillment of prophecies because of their adherence to the right of Palestinians to remain on the land of the promise (Palestine). (AWAD, 2021).

Alex Awad foi pastor na Palestina, profundo conhecedor e crítico do sionismo. Apenas na aparência a crença se apresenta como originada no pensamento, mais especificamente, naquilo que os religiosos chamam de “revelação”. A fé sionista – como nos demonstram tanto Malgo como Awad – tem profundas implicações políticas. Ideologicamente, afirma a identidade do “povo eleito” e, por consequência, de seus amigos e inimigos sobre os quais, a depender do caso, recairão bênçãos ou punições. O discurso religioso de uma “terra prometida” serve para camuflar interesses políticos e econômicos. Primeiro, da Grã-Bretanha, ainda durante a I Guerra, para controle do Canal de Suez; segundo, dos Estados Unidos, durante a II Guerra (WACHHOLZ; REINKE, 2020). É uma forma de pensamento que surge de interesses econômicos concretos no Oriente Médio, especialmente, da economia em torno do petróleo, e que se vende ou se apresenta em linguagem religiosa.

Interesses econômicos e decisões políticas passam a ser justificados ideologicamente. No Brasil, a Frente Parlamentar Evangélica cumpre bem este papel ideológico, através da participação em grupos parlamentares relacionados a Israel, sessões em homenagem a este país, com presença de embaixadores israelenses e discursos, sempre oportunos, em apoio ao sionismo e ao Estado de Israel (WACHHOLZ; REINKE, 2020). Ainda quando deputado federal e postulante ao Palácio do Planalto, Jair Messias Bolsonaro (PSC-RJ) foi batizado no Rio Jordão pelo pastor Everaldo Dias Pereira (EXTRA, 2016), uma atitude importante para ganhar maior simpatia dos eleitores evangélicos. Fez do discurso pronunciado no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, um importante palanque eleitoral. À ocasião, falando a descendentes de refugiados da II Guerra, atacou homossexuais, indígenas, mulheres e quilombolas (CONGRESSO, 2017). No ano seguinte, durante a campanha eleitoral, a mudança da Embaixada do Brasil em Israel para Jerusalém seria um tema sionista (BETIM, 2018), em consonância com o sionismo norte-americano, confirmado quando recém-eleito presidente (FERNANDES, 2020). Em troca, Messias Bolsonaro recebeu apoio de sionistas (FRESTON, 2020).

Apesar de todas estas ações pró-Israel, em perfeita sintonia com o sionismo evangélico brasileiro, o Brasil experimentou,

nos últimos anos, maior crescimento de células neonazistas e de episódios envolvendo-os. De acordo com relatório realizado pelo Observatório Judaico de Direitos Humanos no Brasil (2023), o número de células neonazistas no país era de 530 em outubro de 2021, espalhadas por 249 cidades, passando a 1.117 em novembro do ano seguinte, já em 298 cidades, de vinte e dois estados e do Distrito Federal. A escola foi o ambiente com maior aumento de eventos antissemitas e neonazistas (OBSERVATÓRIO, 2023). Provavelmente, o próprio Governo Bolsonaro tenha contado com apoio e presença neonazista.

Em sendo este o caso, precisaríamos separar atitudes superficiais e declarações de amizade com o Estado de Israel, por parte do ex-presidente da República, de atitudes mais profundas dele e do seu governo, em possível apologia ao nazismo, com destaque para algumas situações: o Secretário da Cultura, Roberto Alvim, com estética e discursos nazistas; e Felipe Martins, Assessor Internacional da Presidência da República, com gesto supremacista (CARVALHO, 2021). Em entrevista, Adriana Dias afirmou o seguinte a respeito da fala do ex-presidente: “[...] É a palavra de uma pessoa que os grupos percebem como uma fala poderosa e legitimada e que tem a capacidade de exponenciar o discurso. Quando Bolsonaro fala alguma coisa, os neonazistas reproduzem em suas redes [...]” (NORONHA, 2023). Deste modo, o ex-presidente da República falaria e agiria em duas frequências distintas: uma em direção a cristãos sionistas e outra direcionada a neonazistas. Esta seria uma hipótese de pesquisa a ser melhor desenvolvida.

Parte da extrema-direita brasileira tem como um de seus aspectos singulares o sionismo. Uma semelhança, portanto, com a extrema direita norte-americana e uma diferença em relação à extrema direita europeia (LÖWY, 2015), de tradição antissemita. Esta condição se explica, justamente, pela ideologia religiosa adotada, majoritariamente, nas Américas. Contra os avanços da ciência, especialmente, no que diz respeito à teoria da evolução, e contra o comunismo, as extremas direitas estadunidense e brasileira apelam à cultura ocidental judaico-cristã. Não significa, porém, que, pontualmente, uma parcela da extrema direita europeia não esboce certa reação favorável ao sionismo. O Dispensacionalismo

nasceu por lá, assim como o primeiro apoio de uma grande nação ao projeto estatal sionista.

Certamente, o povo judeu foi objeto de capítulos aterrorizantes na história. Há de afirmar, em absoluto, a tragédia que foi o Holocausto e trabalhar, conscientemente, para que cenas assim jamais se repitam. Inclusive, evitando comparações com outras situações históricas. No entanto, aquilo que os judeus experimentaram com a vida – o extermínio de um povo – não pode, jamais, servir de justificativa, pretexto ou legitimação para que, em nome de judeus e supostamente por judeus, o Estado de Israel efetive ações de genocídio. É inadmissível, portanto, contra os judeus tanto quanto pelo Estado de Israel – a guerra de colonização e genocídio na Palestina.

Dito isto, não se pode admitir que quaisquer críticas ao Estado de Israel, às suas políticas sionista e belicista, sejam enquadradas em termos de antissemitismo. O Estado de Israel precisa responder por supostos crimes contra a humanidade, crimes de guerra e terrorismo de Estado. Na epígrafe a este ensaio citamos uma carta assinada, entre outras personalidades judias, por Albert Einstein e Hannah Arendt, que já expressavam que, no então criado Estado de Israel, havia um partido político “[...] muito próximo em organização, métodos, filosofia política e apelo social aos partidos Nazistas e Fascistas [...]” (EINSTEIN et al, 1948). À época, estava claro para aqueles intelectuais que o Estado de Israel podia se utilizar de ações semelhantes às sofridas por judeus.

Em termos marxistas, a ideologia é uma força material. A relação dialética entre material e espiritual, ou melhor, entre as condições reais de existência e as formas de pensamento, é um achado de Friedrich Engels e Karl Marx. Dessa forma, uma parte significativa da sociedade brasileira – ideologicamente sionista – justificará todas as ações do Estado de Israel, condenará quaisquer formas de resistência dos Palestinos, incluindo as reações do Hamas e, ainda, pressionará o governo brasileiro a fazer o mesmo. A medida para aceitar e apoiar a política externa brasileira será a ideologia sionista.

A ideologia religiosa de defesa do Estado de Israel serve a interesses concretos do imperialismo estadunidense. Israel se tornou

um tipo de “base militar” – que se destaque: sem soldados norte-americanos – para controlar o petróleo e outras riquezas minerais no Oriente Médio. Neste sentido, a ideologia religiosa de defesa do sionismo é um instrumento de mistificação da realidade. A religião serve a interesses políticos e econômicos concretos de acumulação de riqueza e poder político. Em vista disto, é importante aprofundar as questões aqui levantadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Abraão Pereira de. **Israel, Gogue e o Anticristo**: armagedon, a besta 666, ecumenismo, tragédia judaica, milagres em Israel, Gogue já prepara o caminho. 5. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1982.

ATLASINTEL. **Radiografia da política externa brasileira**. Pesquisa qualitativa. AtlasIntel. CNN Brasil. 17-20 de nov. de 2023. Disponível em: <<https://cdn.atlasintel.org/33ad126e-a49d-498b-8355-e3d094208d29.pdf>>. Acesso em: 02 de fev. 2024.

AWAD, Alex. Palestinian Evangelicals in Confrontation with Christian Zionism. **Washington Report on Middle East Affairs**, Christianity and the Middle East, March/April 2021, p. 30-31. Disponível em: <<https://www.wrmea.org/israel-palestine/palestinian-evangelicals-in-confrontation-with-christian-zionism.html#.YcKRLn0MCOc.facebook>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

BARRUCHO, Luís. ‘Falei para chamar atenção’, diz deputado ao justificar o voto pela ‘paz em Jerusalém’. **BBC News Brasil**, Londres, 20 abr. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160420_entrevista_ronaldo_fonseca_paz_jerusalem_lgb>. Acesso em: 08 de fev. 2024.

BETIM, Felipe. Bolsonaro: “Quero agradecer ao Alckmin por reunir a nata do que há de pior do Brasil ao seu lado”. **El País**, Brasil, Rio de Janeiro, 22 de julho de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/22/politica/1532284788_918587.html>. Acesso em: 09 de fev. 2024.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARVALHO, Igor. Cinco vezes que Bolsonaro, ou pessoas ligadas a ele, recorreram a símbolos nazistas. **Brasil de Fato**, São Paulo, 25 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/25/cinco-vezes-que-bolsonaro-ou-pessoas-ligadas-a-ele-recorreram-a-simbolos-nazistas>>. Acesso em: 9 de fev. 2024.

CHOMSKY, Noam. **Mídia**: propaganda política e manipulação. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

CONGRESSO. Bolsonaro: “Quilombola não serve nem para procriar”. **Congresso em Foco**, Bolsonaro, 5 abr. 2017. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>>. Acesso em: 9 de fev. 2024.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EINSTEIN, Albert et al. Carta aos editores do The New York Times. Nova Iorque, 2 de dezembro de 1948. **Arquivo Marxista na Internet**. [s.d.; s.l.]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/einstein/1948/12/02.htm?fbclid=IwAR1jXMOJX3MfKBYZIKIXQ12p0XW7d0yAhO6DDCIX2kUAN8nPmBS-BOEKQgY#topp>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

ENGELS, Friedrich. El papel de la violencia en la historia. In: MARX, C.; ENGELS, F. **Obras escogidas**. Traducción al español Editorial Progreso. Moscú: Editorial Progreso, 1974. (Tomo III).

ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos**. São Paulo: Edições Sociais, 1975. (Volume 1).

EXTRA. Enquanto votação do impeachment acontecia, Bolsonaro era batizado em Israel. **Extra**, Notícias, 12 mai. 2016. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/enquanto-votacao-do-impeachment-acontecia-bolsonaro-era-batizado-em-israel-19287802.html>>. Acesso em: 9 fev. 2024.

FERNANDES, Talita. Bolsonaro afirma que transferirá embaixada para Jerusalém até 2021. **Folha de São Paulo**, 3 fev. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/02/bolsonaro-afirma-que-transferira-embaixada-para-jerusalem-ate-2021.shtml#:~:text=O%20presidente%20Jair%20Bolsonaro%20voltou,%22Estamos%20caminhando%20para%20isso.>>. Acesso em: 09 de fev. 2024.

FRESTON, Paul. Bolsonaro, o populismo, os evangélicos e América Latina. *In.*: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda. **Novo ativismo político no Brasil**: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. Disponível em: <<https://www.kas.de/documents/265553/265602/Neuer+politischer+Aktivismus+in+Brasilien+Die+Evangelikalen+im+21.+Jahrhundert.pdf/b91a6b95=922-b6-02a-025b676-c206a6fea?version=1.0&t=1601315984837>>. Acesso em: 09 de fev. 2024.

GENIAL/QUAEST. **Pesquisa de avaliação do governo Lula**. Quinta rodada de pesquisa avaliando o governo Lula e toda sua conjuntura. Genial Pesquisas, out. 2023. Disponível em: <https://media-blog.genialinvestimentos.com.br/wp-content/uploads/2023/10/24174003/genial-investimentos-pesquisa-aprovacao-do-governo_20231024.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2024.

GOETZ, William R. **Apocalipse já**: dados estarrecedores comprovam profecias milenares e indicam que a grande catástrofe final está próxima. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Editora Betânia, 1983.

JORDÃO, Pedro. Brasil segue ONU e não reconhece Hamas como terrorista, afirma Lula. **CCN BRASIL**, São Paulo, 27 de outubro de 2023. Disponível em: <[LINDSEY, Hal; CARLSON, C. C. **A agonia do grande planeta terra**: uma análise penetrante das incríveis profecias que envolvem esta geração. Tradução de David A. de Mendonça. 6. ed. Porto Alegre: CLC Editora, 1981.](https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/brasil-segue-onu-e-nao-reconhece-hamas-como-terrorista-afirma-lula/#:~:text=Brasil%20segue%20ONU%20e%20n%C3%A3o%20reconhece%20Hamas%20como%20terrorista%2C%20afirma%20Lula,-Declara%C3%A7%C3%A3o%20foi%20dada&text=O%20Brasil%20n%C3%A3o%20reconhece%20o,sexta%2Dfeira%20(27).>. Acesso em: 3 fev. 2024.</p></div><div data-bbox=)

LÖWY, Michel. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/MFzdwXKBBcN-qHyKkckfW6Qn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília L.; CARRANZA, Brenda. Articulações político-religiosas entre Brasil-USA: direita e sionismo cristão. **Ciencias Sociales y Religión**, Campinas, v. 23, p. 1-34, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/357640588_Articulacoes_politico-religiosas_entre_Brasil-USA_direita_e_sionismo_cristaos>. Acesso em: 14 fev. 24.

_____. Genealogia do sionismo evangélico no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 42, mai.-ago. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/CQGqnNvQcWHcqV7yDK3Q5Yz/>>. Acesso em: 9 fev. 2024.

MALGO, Wim. **Nas sombras da futura guerra mundial**. Tradução de Renate A. M. Bloess e Ingo Haake. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite, [s.d.].

MARTINS, Ivan Carlos Costa. **Fundamentalismo religioso e política: perspectivas escatológicas a partir de uma teologia crítica**. São Paulo: Editora Recriar, 2022.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. (Coleção Marx-Engels).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martonaro. São Paulo: Boitempo, 2007. (Coleção Marx-Engels).

MBEMBE, Achille. Vivendo o mito dos outros: carta aos alemães. **Goethe Institut**, Brasilien, Cultura, Tradução de Cláudio Andrade, maio de 2020. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/sup/pkl/dis/21864261.html>>. Acesso em: 04 jul. 2023.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. Organização e seleção dos textos de Leonildo Silveira Campos. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola; Ciências da Religião, 1990.

NORONHA, P. H. de. Sob Bolsonaro, neonazismo disparou no Brasil. **Projeto Colabora**, 1 de março de 2023 [19 de abril de 2023]. Disponível em: <<https://projctocolabora.com.br/ods16/sob-bolsonaro-neonazismo-disparou-no-brasil/>>. Acesso em: 9 fev. 2024.

OBSERVATÓRIO. Relatório de eventos antissemitas e correlatos no Brasil: 01/07/2022 a 31/12/2022. **Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil**, 2 mai. 2023. Disponível em: <<https://www.observatoriojudaico.org.br/post/relatorio-de-eventos-antissemitas-e-correlatos-no-brasil-01-07-2022-a-31-12-2022>>. Acesso em: 9 fev. 2024.

PADRES APOLOGISTAS. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística).

REALTIME BIGDATE. **Guerra Israel x Hamas**. Realtime Bigdate. Record TV, nov. 2023. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2023/11/pesquisa-RealTime-Big-Data-guerra-Israel-Hamas.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

UNICEF. Gaza tornou-se um cemitério para milhares de crianças e adolescentes. **UNICEF BRASIL**, Genebra, 31 out. 2023. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/gaza-tornou-se-um-cemiterio-para-milhares-de-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em: 8 fev. 2024.

WACHHOLZ, Wilhelm; REINKE, André Daniel. "Pela paz em Jerusalém". **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano XIII. N. 37, mai./ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/51190>>. Acesso em: 9 fev. 2024.